

REPENSANDO O ARCAÍSMO: VOCÁBULOS DE *OS LUSÍADAS* AINDA PRESENTES EM UMA VARIEDADE REGIONAL DO MARANHÃO

RETHINKING ARCHAISM: WORDS FROM *OS LUSÍADAS*
STILL USED IN A REGIONAL VARIETY OF MARANHÃO (BRAZIL)

Heronides Moura | [Lattes](#) | heronides@uol.com.br
Universidade Federal de Santa Catarina

Monisse Silva | [Lattes](#) | monisse.dc@aluno.ifsc.edu.br
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar que palavras presentes no poema épico português *Os Lusíadas* (1572) ainda são usadas em uma variedade rural do interior do Maranhão. Para melhor explicar a sobrevivência dessas palavras ao longo de mais de quatro séculos, revisamos o conceito de arcaísmo, que não pode ser considerado como típico apenas de populações iletradas. Ao invés disso, ele deve ser avaliado como uma característica da variação linguística. Essa definição revisada de arcaísmo será útil como forma de evitar a discriminação linguística contra variedades regionais.

Palavras-chave. Arcaísmos; *Os Lusíadas*; Variedades regionais; Maranhão.

Abstract: This paper aims to show that words from the Portuguese epic poem *Os Lusíadas* (*The Lusiads*) (1572) are still used in a Brazilian regional variety from Maranhão's hinterland. To better explain the survival of those words over more than four centuries, we reassessed the concept of archaism, which should not be considered as prevalent only in illiterate populations. Instead, it has to be assessed as characteristic of linguistic variation. This revised definition of archaism would be useful to avoid linguistic discrimination against regional varieties.

Keywords: Archaisms; *The Lusiads*; Regional varieties; Maranhão.

1 Introdução

Este trabalho tem como objetivo mostrar a presença, ainda hoje, de arcaísmos linguísticos em uma variedade rural do Maranhão. Dados orais coletados para esta pesquisa

apresentam seis palavras (*malino, acudir, alevantar, amostrar, pranta e alumiar*) que estão presentes, também, no poema épico *Os Lusíadas*, publicado em 1572. Essa mostra de dados orais, embora reduzida, comprova a notável permanência de palavras arcaicas no português popular brasileiro.

Ao destacar o uso desses termos, nos dias atuais, em uma variedade rural do nordeste brasileiro, podemos constatar que, apesar das transformações ao longo dos séculos, algumas palavras arcaicas ainda permanecem na linguagem falada, fazendo-nos reavaliar, nesse contexto, o próprio conceito de arcaísmo.

A escolha do livro de Camões como registro dos vocábulos arcaicos foi motivada pela sua representatividade como padrão ideal da língua portuguesa. De fato, frequentemente nos deparamos com a noção de que falar de maneira considerada errada é um desrespeito à *língua de Camões*. A permanência de palavras do tempo do autor português em uma variedade popular falada no interior do nordeste mostra que os conceitos de certo e de errado, na linguagem, são bastante relativos, pois o que era certo no tempo de Camões, agora está associado a um falar popular discriminado.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na seção seguinte, apresentamos as definições de arcaísmo encontradas na literatura e mostramos as inconsistências dessas definições.

Uma das incongruências apontadas refere-se ao arcaísmo ser definido como uma palavra antiga, que não é mais usada; por outro lado, arcaísmo também é definido como uma palavra arcaica, que ainda sobrevive em alguns dialetos.

Na seção 3, propomos reexaminar esse conceito de arcaísmo a fim de eliminar tais incongruências, assim como evitar a tendência que há na literatura de associá-lo a falantes iletrados de regiões isoladas. Comumente, o arcaísmo é definido como um erro presente em variedades regionais. Propomos que arcaísmo deve ser analisado como um fenômeno corriqueiro das línguas humanas, que ocorre tanto na norma culta quanto nas variedades populares. Essa persistência de formas antigas não pode ser considerada um erro.

Na seção 4, apresentamos e analisamos os dados coletados e, por fim, fazemos as considerações finais.

2 Arcaísmos

Encontrar uma definição precisa arcaísmo não é uma tarefa fácil, pois nos deparamos imediatamente com a questão: como um termo pode ser considerado arcaico se ele é antigo, mas ainda está em uso? E, se ainda é utilizado, como pode ser rotulado como es-

tando em desuso? O *corpus* deste artigo mostra que palavras de muitos séculos atrás ainda são usadas com sentidos similares hoje em dia, o que coloca em xeque definições mais tradicionais de arcaísmo, tal como a encontrada em Coutinho (1938, p. 75): “Arcaísmos são palavras, formas ou expressões que, por velhas, deixaram de ser usadas”.

No entanto, o mencionado autor também observa que muitos arcaísmos sofrem o que ele chama de ressurreição: “opera-se esta ressurreição por meio do povo que frequentemente conserva na memória vozes ou torneios¹, banidos da linguagem acadêmica” (Coutinho, 1938, p. 96).

A ideia de ressurreição é uma forma de acomodar o conceito tradicional de arcaísmo com a permanência de termos arcaicos em variedades populares. Arcaísmo, na definição tradicional, é um item lexical já não usado e, se ele se mostra presente na atualidade, é porque ressuscitou. Obviamente, tal conceito de ressurreição não explica o que de fato ocorre nesses casos. Uma palavra não pode desaparecer do repertório de uma população e depois ressurgir misteriosamente. Na seção 3, a seguir, tentaremos dar uma explicação mais satisfatória para a permanência de vocábulos arcaicos, repensando, assim, o próprio conceito de arcaísmo.

Antes de formular essa explicação, é importante ressaltar que a presença de palavras do português arcaico em variedades regionais e populares do português brasileiro já havia sido notada por vários autores. O próprio Coutinho (1938, p. 97) fornece uma lista dessas palavras que ele considera arcaísmos ainda em uso (na época em que redigiu o seu livro), tais como *acoimar, agrura, delonga, doesto, embair, enfarado, esquivar, louçania, finado, incrêu, sanhudo*, entre outras.

Um dos pioneiros no estudo de variedades regionais, no caso, o dialeto caipira, Amadeu Amaral (1976) já observava que textos do português arcaico ainda guardam semelhança com os falares populares: “Lendo-se certos documentos vernáculos dos fins do século XV e de princípios e meados do século XVI, fica-se impressionado pelo ar de semelhança da respectiva linguagem com a dos nossos roceiros e com a linguagem tradicional dos paulistas de “boa família”, que não é senão o mesmo dialeto um pouco mais polido” (Amaral, 1976, p. 76).

Amadeu divide os arcaísmos nas categorias de (i): *arcaísmos de forma*, tais como:

Cresçudo, premêro, dereito, repuná(r), eigreja, reposta, ermão, saluço.

¹ Os termos *vozes* e *torneios* são, eles próprios, arcaísmos. *Voz* tinha o sentido de palavra e *torneio* tinha o sentido de estrutura sintática.

A segunda categoria é a de (ii) *arcaísmos de sentido*, exemplificados na lista a seguir (na coluna à esquerda, estão listadas as palavras arcaicas; na coluna à direita, aparecem os significados populares e regionais):

dona	senhora
função	baile, folguedo
praça	povoado
reiná(r)	fazer travessuras
salvar	saudar

É interessante observar que Amaral (1976) é muito mais preciso na categorização dos arcaísmos. Para ele, arcaísmos são aqueles vocábulos marcadamente populares (ou usados por pessoas de “boa família”, apenas um pouco mais “polidas”...), e que foram rejeitados pela comunidade dos falantes do português “correto”. Assim, o que era padrão no século XV passou a ser não-padrão no século XX.

Já no trabalho de Coutinho (1938), não fica muito claro como se pode definir arcaísmo, pois esse autor cita tanto palavras de uso popular, como *sanhudo*, quanto palavras de uso padrão, como *finado e esquivar*.

A definição de arcaísmo de Coutinho (1938) fica ainda mais confusa, ao considerarmos que a diacronia age sobre *todas* as palavras, de modo que todos os vocábulos antigos se transformam, tanto na forma quanto no significado:

Arcaísmos são palavras, formas ou expressões antigas, que deixaram de ser usadas”. Também este autor se refere à lentidão das mudanças, que podem ser de forma ou de sentido. Coutinho mostra que, às vezes, alguns vocábulos se arcaízam em determinada forma, mas as derivadas continuam apresentando a raiz arcaica; em outros casos, a palavra pode se conservar na forma, sofrendo alteração na significação (Suassuna, 1999, p. 65).

João Penha (1971) é outro autor que ressalta a permanência de vocábulos arcaicos nas variedades populares, especialmente nas variedades rurais. Esse autor cita exemplos como *sobrosso* (temor, incômodo), *camarinha* (quarto de dormir), *celamin* (medida de alqueire), *ardidez* (coragem, ousadia) e *maninha* (estéril, infecunda) (Penha, 1971).

Head (2005) apresenta uma ampla lista de arcaísmos usados no português brasileiro. Ele se baseia em dicionários dos primeiros lexicógrafos portugueses, dos sécs. XVI e XVII, para observar o registro de palavras arcaicas, que ainda estão vivas nos falares brasileiros.

Mattos e Silva (2009) observam a permanência de arcaísmos nos falares baianos, como é o caso da palavra *sarolha*, que significa terra úmida e, também, farofa úmida e tipos de beiju. Essa palavra (na grafia *çorolha*), com o sentido de terra úmida, é encontrada no *Livro de Montaria de D. João I*, cujo texto original é do séc. XIV: “[...] E pois que o começamos a ensinar, sabede, que a terra do barro, ou lama que seia *çorolha*, que nom seia solta estas terras fazem parecer os rastros grandes” (Pereira, 2009, p. 150) (grifo nosso).

Bybee (2020) também destaca que palavras como “*luita, fruita e oitubro* estão hoje relegadas a variedades rurais e a falantes pouco letrados, mas eram as formas literárias no período medieval” (Bybee, 2020, p. 356).

Nesse ponto, é importante ressaltar que se deve evitar a falsa ideia de que o português brasileiro deriva exclusivamente do português europeu do século XVI, na época do início da colonização do território, como explica Brian Head (2005, p.156):

Não se deve, porém, pensar que o PB contemporâneo só inclui propriedades do PE do século XVI! No léxico do PB, há numerosos vocábulos de origem ameríndia e africana que muito contribuem para tornar o léxico do PB diferente do léxico do PE. (Head, 2005, p. 156)

Assim sendo, embora todos os exemplos que analisaremos na seção 4 correspondam a termos do português arcaico que continuam sendo falados em regiões com pouco acesso à educação, não é correto generalizar a ideia de que o português brasileiro é apenas uma extensão do português europeu, sendo importante considerar as contribuições do ameríndio e do africano ao analisar as peculiaridades e as características do português brasileiro contemporâneo (Lucchesi; Baxter; Ribeiro, 2009).

À medida que os membros de um grupo humano, que inicialmente compartilham a mesma língua, se deslocam para uma região distante, as gerações seguintes introduzem, ao longo do tempo, mudanças inconscientes na sua língua de origem, resultando na criação de sistemas linguísticos bastante distintos (Moura; Cambrussi, 2018). Essa dinâmica natural também se reflete na evolução da língua portuguesa ao longo dos séculos, com diversas transformações ocorrendo no percurso do tempo.

3 Repensando Arcaísmo

Há uma considerável imprecisão na definição de arcaísmo. Por um lado, arcaísmo é definido como uma palavra antiga que não é mais usada; por outro, arcaísmo é uma palavra antiga que ainda sobrevive em alguns dialetos.

Além dessa contradição, há outra incongruência na definição. O arcaísmo sobre-

vivente (ou seja, um vocábulo antigo ainda em uso) é considerado típico de variedades populares e rurais, como é o caso da palavra *sarolha*, que é muito antiga e que ainda sobrevive em dialetos rurais baianos. Por outro lado, há definições de arcaísmos (Coutinho, 1938) que abrangem também palavras de uso corrente, como seria o caso do vocábulo *finado*.

Essas duas incongruências na definição de arcaísmo causam uma considerável dificuldade no trabalho do lexicógrafo. Tomemos como exemplo o *Dicionário Houaiss* (Houaiss; Villar, 2001).

Esse dicionário não apresenta um verbete para a palavra *sarolha*, no sentido de terra úmida, mas contém um verbete para *sarolho*, com o significado de “espécie de beiju” (Houaiss; Villar, 2001, p. 2523). Como vimos anteriormente, esse era um dos sentidos da palavra, definida como arcaísmo em Mattos e Silva (2019). Só que o dicionário não a classifica como arcaísmo e sim como regionalismo de Sergipe. Portanto, uma palavra de origem muito antiga, como *sarolha/o*, pode ser definida, lexicograficamente, não como arcaísmo e sim como regionalismo.

Penha (1971) cita a palavra *sobrosso* como exemplo de arcaísmo ainda usado em variedades populares. O *Dicionário Houaiss* registra o verbete *sobrosso*, com a seguinte definição: “sensação de ameaça, inquietude; temor, medo, receio” (Houaiss; Villar, 2001, p. 2594). O verbete contém a abreviatura *ant.* (antigo), indicando que os lexicógrafos do *Dicionário Houaiss* consideraram essa palavra um arcaísmo. No entanto, o próprio verbete contém a informação de que se trata de “uso sobrevivente na linguagem informal do Nordeste do Brasil” (Houaiss; Villar, 2001, p. 2594). Como podemos observar, no interior do próprio verbete, há uma incongruência entre a marcação da palavra como arcaísmo e a observação de que ela ainda é usada em variedades informais e populares do Nordeste.

Por conseguinte, não há um critério claro que leve o *Dicionário Houaiss* a marcar a palavra *sarolho* como regionalismo e a palavra *sobrosso* como arcaísmo.

A antiguidade da palavra não parece ser um critério suficiente para a definição do vocábulo como arcaísmo. Por exemplo, o verbete da palavra *finado* informa que o primeiro registro do vocábulo é do séc. XIII, mas tal palavra não é marcada como arcaísmo, apesar de sua evidente antiguidade (Houaiss; Villar, 2001, p. 1346).

O verbete para *sobrosso* informa que o primeiro registro dessa palavra data do séc. XVII, bem posterior, portanto, à palavra *finado*, mas, ao contrário desta última, a palavra *sobrosso* é considerada arcaica. É verdade que o *Dicionário Houaiss* marca o arcaísmo da aceção da palavra e não propriamente da sua ocorrência.

No entanto, mesmo se consideramos apenas a acepção (o sentido) de uma palavra, o dicionário não é consistente, pois o verbete do vocábulo *enfarado* informa que essa palavra data do séc. XVI, com a mesma acepção que tem até hoje (entediado, enfastiado), e, apesar disso, a palavra não é marcada como arcaísmo (Houaiss; Villar, 2001, p. 1143).

A antiguidade da acepção também não é registrada em palavras como *alto-mar*, por exemplo. Como observa Bybee (2020), algumas palavras e expressões formulaicas guardam significados muito antigos “em remotos cantos empoeirados da língua” (Bybee, 2020, p. 355). Por exemplo, o substantivo *alto-mar* deriva seu sentido do adjetivo *alto*, na acepção de *profundo*, o qual corresponde a um significado muito antigo, que vem desde o latim. No entanto, o *Dicionário Houaiss* não marca a palavra *alto-mar* como arcaísmo (Houaiss; Villar, 2001, p. 170).

O problema de fundo é que a definição de arcaísmo é mesmo incongruente, significando às vezes palavras mortas, não usadas mais, e, outras vezes, palavras ainda usadas, mas só em alguns registros, especialmente nas variedades rurais.

Assim, a definição de arcaísmo parece indicar uma classificação sociolinguística das palavras. O que importa não é tanto nem a antiguidade da palavra (*finado* é uma palavra muito antiga e não é tratada como arcaísmo) nem a antiguidade da acepção (*alto* em *alto-mar* tem uma acepção arcaica), mas se a sobrevivência de uma palavra ou de uma acepção antiga se dá em contextos de variedades populares, especialmente as rurais.

Ou seja, arcaísmo parece ser entendido como uma palavra antiga que sobreviveu nos estratos iletrados da população e como tal deve ser marcada. Não se trata de um critério objetivo de datação da palavra, mas de dar a ela uma marcação talvez depreciativa de uso social restrito às classes iletradas. Dessa forma, palavras correntes (embora muito antigas) como *alto-mar*, *finado*, *coitado* e *enfarado* não seriam arcaísmos, pois são usadas pelas classes letradas. Já palavras como *fruta*, *alevantar*, *malino* e *sobrosso* são arcaísmos, pois são faladas apenas pelas classes iletradas.

A ironia da situação é que tais arcaísmos das classes letradas representavam a forma literária, no português arcaico. O que era valorizado passou a ser desvalorizado.

Passamos agora a uma tentativa de explicar essas sobrevivências de vocábulos antigos de uma maneira que elimine a associação enviesada entre arcaísmo e variedades faladas por grupos iletrados.

O conceito que nos servirá de base é o de *retenção de significado* (Bybee, 2016, p. 270). Essa autora aplicou esse conceito mais diretamente na análise diacrônica de construções gramaticais, mas ele também é útil na análise diacrônica de vocábulos, pois é

sabido que a evolução de construções e de itens lexicais compartilham traços comuns (Croft, 2022).

A *retenção de significado* se refere à manutenção de significados mais específicos e mais antigos, mesmo depois que uma construção gramatical passou a adquirir significados mais amplos (Bybee, 2016, p. 270). Um exemplo é o futuro marcado por *will*, na língua inglesa. Originalmente, o termo *will* vem de um verbo com o significado de *querer*. Esse significado original, por meio de uma cadeia inferencial que associa desejo, intenção e previsão, se converteu finalmente na marcação de futuro na língua inglesa, em um processo gradativo de gramaticalização.

No entanto, o significado original ainda permanece em alguns usos, apontando, assim, para o processo de retenção de significado. É o que acontece na frase (1) a seguir, na qual o auxiliar *will* indica também desejo e volição, e não apenas futuro:

- (1) She does not want to communicate. It's not that she can't, but she *will* not answer you. I tried...
'Ela não quer se comunicar. Não é que ela não possa, mas ela não lhe responderá. Eu tentei... (Bybee, 2016, p. 273).

Da mesma forma, vocábulos podem manter o significado original e mais antigo em certos usos específicos. É o que ocorre, no português, na locução *de cor*, na qual a palavra *cor* é um resquício de um significado antigo ("coração"), que ainda subsiste, em extensão metafórica, na expressão *de cor* (Bybee, 2020, p. 355). Um outro exemplo de retenção de significado ocorre na palavra *coitado*, que deriva de *coita* (dor, aflição), que é uma palavra bastante antiga. O *Dicionário Houaiss* registra o substantivo *coita* como um arcaísmo do séc. XIII (Houaiss; Villar, 2001, p. 756).

Propomos, assim, que o arcaísmo seja redefinido como um processo de retenção de significado ou de forma, de modo a abranger todos os usos atuais que reverberem usos muito mais antigos das palavras. Tal processo de retenção de significado ou de forma vale tanto para palavras de uso aceito na norma culta (como *de cor*, *coitado*, *enfarado*, *alto-mar*) quanto para palavras usadas em variedades populares (como *fruta*, *alumiari*, *sobrosso*, *malino*).

É importante, também, compreender que a retenção de significado (ou de forma) só ocorre quando um uso antigo ainda sobrevive em algum contexto atual. Se a palavra ou a forma desapareceu completamente, não faz sentido falar de retenção de significado. Trata-se, nesse caso, não de arcaísmo, mas de uma palavra que se perdeu no tempo.

As palavras coletadas em nosso *corpus* (seção a seguir) correspondem a casos de retenção de significado ou de forma em uma variedade popular do português, mas isto não quer dizer que essa retenção (ou arcaísmo) seja um processo típico apenas das variedades populares. Trata-se de um processo mais geral das línguas humanas e que não pode ser associado a um mero erro.

4. Apresentação e análise dos dados

A metodologia adotada foi a seguinte: em primeiro lugar, foram identificadas palavras em *Os Lusíadas* que potencialmente poderiam ocorrer nas entrevistas a serem realizadas. A edição consultada foi Camões (1992), do Instituto Camões. Foram listadas 10 palavras (*aleventar, malino, donde, acudir, amostrar, inda, pranta, alumiar, cum*). Dessas, 6 palavras (*malino, acudir, aleventar, amostrar, pranta e alumiar*) foram identificadas no *corpus* oral coletado. A coleta de dados para este estudo envolveu sete entrevistas individuais com dois participantes, ambos falantes de dialeto rural do Maranhão e com baixa escolaridade. Os entrevistados serão identificados como MR e JS, a fim de preservar suas identidades. MR é homem, 55 anos, não alfabetizado. JS é mulher, 45 anos, com ensino fundamental completo.

Cada entrevista teve uma duração de 10 a 15 minutos, durante as quais os participantes foram convidados a gravar um áudio compartilhando suas histórias de vida ou alguma lembrança pessoal. Esse método permitiu uma interação mais natural dos participantes.

Para comparar as palavras e as expressões presentes em *Os Lusíadas*, de Camões, com aquelas utilizadas pelos participantes, inicialmente as palavras foram identificadas no poema épico, como já dissemos. Em seguida, durante as entrevistas, esses termos foram citados naturalmente, sem direcionamento específico, o que mostra que são palavras usuais na variedade rural do Maranhão falada pelos entrevistados. Há termos que aparecem em apenas uma das entrevistas.

A presença desses arcaísmos em uma variedade regional do Maranhão nos permite compreender como essas palavras se desenvolveram ao longo do tempo e como suas formas e seus significados foram influenciados por fatores históricos, sociais e culturais.

Os arcaísmos encontrados nas entrevistas estão listados a seguir. Citamos também os versos de *Os Lusíadas* (doravante, OL) nos quais tais termos ocorrem.

1. *Malino*

Significado: malvado, mal comportado.

Contexto do termo no poema: “E tome exemplo o mundo vil, *malino*” (Canto IX, estrofe 42. OL, p.397)

MR: “Eu era tão *malino*, tão *malino*, que lá no interior, lá na roça onde a gente foi criado, os vizinhos chamava eu era o capeta dos vaquinzão²”

JS: “...desde pequenininho sempre foi um menino muito *malino*.”

2. *Acudir*

Significado: socorrer, ajudar, interceder

Contexto do termo no poema: “Rompe toda a tardança, *acude* cedo” (Canto III, estrofe 105. OL, p.125)

MR: “Uma vez a mulher batendo no menino, lá na minha menina e ela dizia me *acude* papai, me *acude* papai, me *acude*...”

JS: “...foi lá com a lanterna alumiô na chaminé e aí chamou meu marido, *acude* aqui, vem ver vem ver vem ver onde tá essa chupeta...”

3. *Alevantar*

Significado: levantar, erguer

Contexto do termo no poema: “Nós outros, sem a vista *alevantarmos*” (Canto IV, estrofe 93. OL, p.190)

MR: “Aí tinha um mourão pra *alevantar*, e eu tinha que terminar o serviço aí eu peguei peguei ele pra *alevantar* e não dei conta, aí ela veio...”

JS: “eles *alevantava* essas banda de pau caçando essa chupeta e não achava...”

4. *Amostrar*

Significado: mostrar, exhibir.

² Vaquinzão era o nome do pai de MR.

Contexto do termo no poema: “Vos *amostra* a vitória já passada” (Canto I, estrofe 7. OL, p.3)

MR: “aí chegou um menino lá, aí eu *amostrei* pra ele lá o que a gente tinha que fazer, e ele foi lá e fez.”

JR: “aí quando ele chegou com essa chupeta de lá aí *amostra* a chupeta e fala..

5. Pranta

Significado: planta, plantação, roça.

Contexto do termo no poema: “Nas ilhas de Maldiva, nasce a *pranta*” (Canto X, estrofe 136. OL, p. 477)

JS: “onde nós morava tinha muita *pranta*, prantação. Assim, era roça, né, então tinha um prantio de milho detrás da casa”

6. Alumiar

Significado: iluminar

Contexto do termo no poema: “A noite negra e feia se *alumia*”. (Canto VI, estrofe 76. OL, p. 277).

JS: “...foi lá com a lanterna *alumiô* na chaminé e aí chamou meu marido, acude aqui, vem ver vem ver vem ver onde tá essa chupeta...”

É interessante observar que todas essas palavras de nosso *corpus* constam também em um dos primeiros dicionários do português, a obra *Dictionarium latino lusitanicum et vice versa lusitanico latinum: cum adagiorum*, de Jerônimo Cardoso, cuja edição original é de 1570.

O registro das palavras de nosso *corpus* oral tanto em um poema épico (*Os Lusíadas*) quanto em uma obra lexicográfica, ambas do séc. XVI, mostra que eram palavras correntes na época e, de forma notável, são usadas até hoje no dialeto dos entrevistados em nossa pesquisa.

Outro ponto importante a observar é que esses arcaísmos são associados a variedades populares, porque apresentam propriedades fonéticas costumeiramente ligadas aos

falantes iletrados. A prótese da vogal [a] é o que caracteriza as palavras *alevantar*, *amostrar* e *alumiar* (HEAD, 2005), e a alternância das consoantes líquidas ([l] por [r]) é o que caracteriza o vocábulo *pranta*. Essas propriedades fonéticas são estigmatizadas e, como tal, reforçam a ideia de que os arcaísmos são frutos da fala popular e iletrada.

Como vimos, isso implica ocultar o fato de que muitos arcaísmos existem também no português padrão, como é o caso do substantivo *alto-mar* e da locução *de cor*.

5. Considerações finais

Essa pesquisa permitiu mostrar que palavras correntes em Portugal no séc. XVI ainda sobrevivem em uma variedade rural do Maranhão, no Nordeste brasileiro. Apesar da pequena dimensão da amostra, é possível vislumbrar a riqueza do vocabulário dos entrevistados, o que mostra a persistência de alguns traços arcaicos nos falares populares (Penha, 1971).

No entanto, isso não quer dizer que os dialetos rurais ficaram parados no tempo, sendo apenas um reflexo do português falado em Portugal na época da colonização. Como observa Head (2005, p. 147), o português brasileiro se compõe de uma mescla intrigante de inovação e de permanência.

Uma conclusão relevante de nossa pesquisa é que é preciso rever o conceito de arcaísmo, despojando-o de suas inconsistências e, também, de uma associação indevida entre arcaísmo e erro. O conceito de retenção de significado (Bybee, 2016) pode ser útil na compreensão do arcaísmo como um fenômeno natural das línguas humanas e não como um erro.

Outra consideração final a ser feita é que a associação de propriedades fonéticas à fala popular (como a prótese da vogal /a/) escamoteia o fato de que essa propriedade, em primeiro lugar, é muito antiga no português e, segundo, talvez tenha uma função gramatical, não se tratando da inserção aleatória de uma vogal.

Referências

AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: HUCITEC, 1976.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha e Sebastião Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

BYBEE, J. *Mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes, 2020.

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Lisboa: Instituto Camões, 1992.

CARDOSO, J. *Dictionarium ex Lvsitanico in Latinvm sermonem*. Lisboa: Tipografia Syqueira, 1592. Disponível em: <https://permalinkbnd.bnportugal.gov.pt/viewer/86007/?offset=#page=5&viewer=picture&o=info&n=0&q=>. Acesso em: 23 fevereiro 2024.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática história*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. Disponível em: <https://archive.org/details/pontos-de-grama-tica-histo-rica-ismael-de-lima-coutinho/mode/2up>. Acesso em: 19 fevereiro 2024.

CROFT, W. On two mathematical representations for “semantic maps”. *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*, vol. 41, no. 1, 2022, pp. 67-87. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/zfs-2021-2040>. Acesso em: 22 fev. 2024.

HEAD, B. Características de variedades populares e rurais do português brasileiro contemporâneo que correspondem à documentação dos primeiros dicionários portugueses. In: Rio Torto, G.; Figueiredo, O.; Silva, F. *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2005. v. 1, p. 147-159.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. N.; RIBEIRO, I. (Org.) *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador, EDUFBA, 2009.

MATTOS E SILVA, R. V. O conceito relativo de neologismo e arcaísmo: um estudo pancrônico. In: OLIVEIRA, K.; CUNHA, H.; SOUSA, H.; SOLEDADE, J. (Orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 11-20.

MOURA, H.; CAMBRUSSI, M. *Uma breve história da linguística*. Petrópolis: Vozes, 2018.

PENHA, J. A. P. *Traços arcaicos do português popular brasileiro*. São Paulo: Editora Iguatemi, 1971.

PEREIRA, F. *Livro da Montaria, feito por de D. João I, Rei de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918. Disponível em: <https://ia601305.us.archive.org/4/items/livrodamontariaf00johnuoft/livrodamontariaf00johnuoft.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.

SUASSUNA, Livia. Arcaísmos em Guimarães Rosa. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 3, p. 65-88, ago. 1999.

